

O voo de Lib-El

O voo de Lib-El – André Barbosa Ribeiro Ferreira

Biografia do autor: Mineiro, vinte e seis anos, geógrafo e atualmente doutorando em geografia pela Universidade Estadual Paulista - Campus Rio Claro.

Resumo do texto: “O voo de Lib-El” conta a história de um romance real, seus percalços e desfechos. O texto é narrado através de uma narrativa atemporal e codinomes criados a partir da inversão, junção e iniciais dos reais personagens.

Quando um livro se fecha, é uma história que se acaba. As histórias vividas, diferente das escritas, não podem nunca mais ser revividas nem alteradas, mas as histórias escritas, mesmo que sem dor ou alegria. Ah! Essas eternizam e viram rima, lembrança e sorriso. Por isso escrevi, num momento passado e não sem dor, a história de Lib-El, para quando ele se fosse de vez a história pudesse deixar de ser vivida e se tornar apenas poesia. Então foi assim...

Lib-El chegou trazendo a luz em seus olhos verdes. Era uma manhã de outubro, dia ensolarado, avistei-o com seus óculos redondos, armação grossa e os cabelos intactos em sua pretidão. Foi uma troca de olhar mútua. Eu precisava me aproximar de Lib-El, mas naquele momento eu nem sabia seu nome, nem sua procedência. Nunca havia visto um sorriso tão lindo e uma boca tão marcante.

No dia seguinte, estava eu no mesmo local e horário. Tinha certeza que Lib-El voltaria, afinal ele se despediu com os olhos no dia anterior e em cada uma das curvas do caminho, ele retornava o olhar para janela que dava para o salão onde estávamos. Lib-El era hipnótico.

Naquele dia, consegui o contato do dono daqueles olhos verdes. Começamos a conversar e aquela conversa me deixava eufórico, havia um desejo extremo de me aproximar, de olhá-lo de perto, de beijar sua boca. Assim se fez, em meio aos corredores movimentados e em clima de manifestos contra o golpe parlamentar que havíamos sofrido recentemente. Entrei com Lib-El em uma sala vazia, ou melhor, repleta de mapas, mapas que coincidentemente compuseram nossa primeira música: *“Descreva pra mim sua latitude, que eu tento te achar, no mapa-múndi, lalaiá lalaiá”*. Depois daquele beijo, Lib-El viajara e eu só o revi uma semana depois.

Era quase meados de novembro, aquele lugar onde estávamos era repleto de jabuticabeiras carregadas de frutos. Assim, com a desculpa de vê-lo, resolvi presenteá-lo com aquelas insignificantes jabuticabas, pretas como seus cabelos. Nesse dia tive suas maiores demonstrações de carinho. Lib-El, mesmo aparentando cansaço, me olhava de forma tão intensa que toda minha autoconfiança se diluía em seus olhos.

No dia seguinte viajei, mas mantivemos contato quase que diário. Lib-El sempre tirava dúvidas comigo, afinal era novo na cidade e estaria ali temporariamente em um estágio no laboratório dos alquimistas. Mentira! Lib-El era quase médico e estagiava no hospital daquela pequena grande cidade interiorana.

Após cinco dias, retornei e Lib-El não me saía da cabeça, eu precisava vê-lo. Naquele final de tarde, arriei o primeiro cavalo e dispus-me a cavalgar até a estalagem onde Lib-El se encontrava. Era um lugar afastado e com recorrentes casos de furtos. Chegando lá, não sabia em qual quarto Lib-El havia se instalado e também não perguntei a ninguém. Sentei-me e pus-me a esperar. Sabia que uma hora ou outra Lib-El abriria alguma porta e viria a meu encontro. Não demorou e em alguns minutos ele surgiu no corredor, vestido com uma bata branca e portando, na mão, um copo de vinho. Naquele instante, meu coração tremeu. Lib-El me olhou numa mistura de alegria e surpresa, deu-me a mão para levantar-me, um abraço terno e logo um beijo.

Aquela foi nossa primeira noite. Coloquei Lib-El junto a mim no cavalo e o trouxe para minha casa.

A partir daquele dia, nada mais foi igual. Encontrávamo-nos quase que diariamente após aquela noite quente, em que fumamos e cantamos as mesmas canções por horas. Estávamos nos descobrindo com uma rapidez tão grande que chegava a me dar medo. Eu estava a par de cada insegurança que ele tinha e de cada centímetro de seu corpo. Dalí por diante, deixei meu medo de lado, meus traumas, e resolvi me entregar inteiramente àquele sentimento e ao que Lib-El me proporcionava. Aos poucos fomos ficando cada vez mais íntimos. Eu havia conhecido seus amigos e ele os meus. Saímos juntos, dávamos as mãos e a cada vinda para casa era uma tentativa nova de conquistar o dono daquela boca que eu fazia minha.

As semanas se passaram e aproximava-se a época em que Lib-El teria que ir embora. Aquela situação foi me deixando apreensivo. Por mais que o vilarejo onde Lib-El morava fosse perto de Campana del-Rei, três dias a cavalo, dois a pé e algumas horas de jangada, eu tinha medo de que ele se esquecesse da gente.

O dia chegou. Lib-El estava de malas prontas e eu de coração partido. Pus-me a colocar suas bagagens na carruagem, que logo partiria e levaria consigo meu Lib-El. Era uma tarde fria, o tempo havia mudado de repente, os pingos de chuva e o vento me faziam sentir ainda mais vazio. A única forma de aquecer meu sentimento aquele dia era ter Lib-El junto a mim.

Alguns dias depois, Lib-El viajaria para terras distantes, seria um mês até reencontrá-lo. Era época das festividades natalinas, então, também viajei para rever meus familiares. Em meados de janeiro, Lib-El retornara. Eu não consegui conter a ansiedade em vê-lo. Assim pus-me a caminho da Vila do Divino e por lá fiquei por cinco dias na companhia de Lib-El. Ao vê-lo, meu coração parecia que saltava, minhas pernas estavam tremulas e um calor inexplicável surgia dentro de mim com a ânsia de tê-lo agarrado em meus braços e ali sermos um só. Dados os cinco dias, retornei à Campana del-Rei com aquele mesmo aperto no peito e a sensação de que Lib-El já não demonstrara o mesmo fervor de antes. Era um misto de sentimentos que me assombravam, no entanto, tentei contê-los, pois poderia ser apenas “minhocas” na minha cabeça.

Passado alguns dias, notei que nossas conversas haviam se tornado mais espaçadas, todavia busquei entender a situação na qual Lib-El vivia. Foi quando numa noite de quarta feira nos falamos e Lib-El demonstrou-se vazio do sentimento que faziam seus olhos brilhar. Naquele instante, mesmo não o vendo, imaginei seus olhos cinzas e não verdes. Seu olhar havia mudado, o tom da sua voz não soava da mesma forma e as palavras que dizia possuíam arestas que me machucavam.

Dois dias depois, estava eu novamente na Vila do Divino. Eu tinha certeza que ali findaria nossa história que começara naquela troca de olhares tão intensa. Tentei entender e convencer Lib-El de todas as formas, mas já não havia o que ser feito. Então, com um abraço quente e corpos nus, despedimo-nos, abraço que até hoje, ao fechar os olhos, consigo sentir e me

recordar do cheiro de Lib-El, assim como cada centímetro do seu corpo, sua pele branca como algodão.

Daquele momento em diante, em meio à saudade e um emaranhado de sentimentos, busquei entender e aceitar que Lib-El era pássaro solto, ave Cantareira que vai pela estrada. Lib-El foi minha maior saudade! Seu sorriso e sua voz nasal, minhas maiores nostalgias!

Um ano se passou e não voltei às jabuticabeiras, nem à estalagem. O tempo passou e há muito não vejo Lib-El, não tenho notícias e também não as procuro. Seus únicos vestígios são as lembranças e essas são só minhas.

Onde quer que esteja, apenas torço para aquele pássaro de que tanto gostei e nunca esqueci, torço para que ele tenha consigo mesmo todo o cuidado e carinho que um dia eu o tive. Diferente de *'Diadorim'*, do célebre Guimarães Rosa, Lib-El deixou de ser apenas sentimento meu e virou nome, que virou poesia.